

SONHO DE UMA CONVERSA DE QUINTAL: valores comunitários do Griot Sotigui Kouyaté para a formulação de um projeto pretagógico

ENTRANDO NO QUINTAL DE CASA...

Aproveitando a realização de um grande evento de promoção das africanidades acontecendo na cidade foram convidadas personalidades africanas e estudiosos brasileiros que trazem aportes valiosíssimos acerca das nossas culturas de matrizes africanas. Dentre as personalidades figurava o griot Sotigui Kouyaté, do povo Mandinga, extremamente respeitado e reconhecido, na Costa Oeste da África, essencialmente no Mali, Guiné e Burkina Fasso. Também dessa região, especificamente do Burkina Fasso, estava Sobonfu Somé, uma dama especial, sábia filósofa mensageira do povo Dagara que viveu boa parte de sua vida na sua aldeia nativa, mas que se mudou depois para viver com seu esposo, também Dagara, nos Estados Unidos, dando palestras acerca dos modos de ser, estar e agir Dagara e como podem nos orientar espiritualmente no Ocidente. Juntos com eles, nos reunimos duas noites antes do evento, na minha casa, onde fiz questão de oferecer um jantar a tão seletos convívios. Dentre os convívios estavam professores como Isaac Bernat da Faculdade CAL de Artes Cênicas, Franck Ribard, do departamento de História da UFC, Henrique Cunha Jr do Programa de Pós-Graduação da FACED-UFC, Fátima Vasconcelos da FACED-UFC, bem como nossos respectivos orientandos e orientandas.

Foi nesse jantar na minha casa que surgiu uma conversa entre nós sobre os papéis do griot Sotigui e da mensageira espiritual Sobonfu Somé, que acabava de chegar dos Estados Unidos de uma de suas requisitadas conferências. Trago aqui um trecho dessa conversa relativa a apresentação e considerações do griot Sotigui tal como consegui os registros, sendo que as partes de falas diretas do griot estão entre aspas, já as outras são citações não textuais, ou seja, minhas compreensões acerca do que foi dito. Os termos destacados são os que mais me chamaram a atenção.

Essa parte da conversa envolveu também Isaac Bernat, o conhecido ator, diretor e professor de teatro, convidado como acompanhante oficial de Sotigui. Chamou-me logo a atenção que Sotigui insistia em tratá-lo com os termos “meu filho”, apesar de biologicamente não apresentarem nenhuma relação de proximidade. Esse trato foi explicitado o significado mais adiante.

Com a chegada de outras pessoas amigas fomos sentar no quintal da casa, para conversar mais à vontade sob às árvores, e banhados pelo luar, ao modo da tradição africana da Costa Oeste africana. E assim iniciou-se uma roda de conversa sobre valores da tradição africana da Costa Oeste, notadamente relativos aos conceitos de ancestralidade e comunidade.

FRAGMENTOS DE UMA AMENA CONVERSA DE QUINTAL

Apresentando-se, Sotigui, referiu-se primeiro à história de sua linhagem, lembrando inclusive da importância do nome nas culturas africanas, notadamente em se tratando de uma linhagem de gente de ofício tradicional.

- “Antes de mais nada, sou griot. No meu cartão de visita consta primeiro que eu sou griot, antes dos termos escritor e contador. Sou griot como a árvore começa pelas suas raízes. Griot é a minha identidade. Meus antepassados foram griots e acredito que a minha descendência também será griot. Somos da categoria dos namiakala, os djélis, cujos Kouyaté foram os primeiros griots e Deus sabe que existem mais de cem tipos de griots mas nós somos os primeiros com essa denominação. Nasce-se griot, é de pai para filho. Também existem as mulheres nascidas griottes, elas são muito poderosas”. Somos uma dinastia da mesma linhagem, descendentes de três patriarcas, Moussa, Massamagam e Batroumori. “Em outros lugares podem desempenhar as mesmas funções, mas não podem ser chamados griots”.

O império de Mali durou do século XI até o século XIII. E meu nome Kouyaté começa no império mandinga que envolveu Senegal, Gambia, Libéria, Serra Leoa, Guiné, Guiné Bissau, Mauritânia, Níger, Benim, Burkina Fasso e parte da Costa do Marfim.

“Particularmente, nasci no Mali”, informou Sotigui, “depois morei até os quatro anos na Guiné, em seguida fui criado em Burkina Fasso, que foi quem me deu o leite, me deu a vida. Mas, antes de mais nada, sou Africano”.

Um dos momentos mais emocionantes da minha vida, foi o retorno a esses lugares de origem, notadamente quando eu pude rever a minha cidade natal após 26 anos de afastamento. Foram muitos sentimentos. Numa certa altura fui presenteado, pela grande griotte malinense Fanta Kounaté, com um canto de homenagem à minha pessoa e linhagem, acompanhada pelo toque de um kora. “Creio que é um dos mais belos presentes quando alguém lhe presta homenagem. Tudo isso agrada, é uma honra. Mas é mais forte ainda quando é de artista para artista. Sobre tudo se a finalidade e os objetivos deste artista, se posso me chamar assim, é a abertura, a troca e o compartilhamento. Porque quando me expresso, me expresso em nome da África. Porque sou africano antes de ser Sotigui, e quando ajo, em alma e consciência, não penso em estar defendendo um prestígio, nem apenas a honra de Sotigui. Vejo em primeiro lugar a imagem da África. Através do presente que essa artista me deu, senti uma felicidade muito grande que é que a minha mensagem, por tão mínima que seja, consiga, mesmo assim, se espalhar. Meu desejo seria que outros exemplos, porque sou apenas um vento que passa, então que outros ventos como eu, e além de mim pudessem também serem ventos portadores”.

Nesse instante, Sobonfu Somé reforça a importância do nome como gerador de um senso de destino: – Na nossa aldeia o nome é ele próprio gerador de destinos. Pois há uma interferência da ancestralidade na escolha do nome, que é dado bem antes da criança nascer, ainda mais quando se faz parte de uma linhagem de gente de ofício, o de realeza. No meu caso o nome Somé, significa coelho, animal que para nós simboliza o mensageiro. O portador desse nome sabe que não ficará num só lugar pois será dedicado a levar ensinamentos adiante, foi assim como eu vim parar nos Estados Unidos e agora estou aqui, nesse quintal de uma casa de Fortaleza, no Brasil, tão distante da minha aldeia, mas tão próxima da nossa irmandade.

Estou muito feliz de estar aqui com vocês, justamente num quintal, retorna Sotigui. Vou dizer por quê: Quando fui visitar a casa onde fui criado em Burkina Fasso, passamos a maior parte do tempo no pátio. Neste pátio muita gente chegou carregando cabaças... “as pessoas que voltam com cabaças significa que

são pessoas que foram curadas. Isto é, uma base que deixei de herança para toda a família. É uma aspecto da minha vida também, já que sou caçador, que é, antes de tudo natureza. Por isso, sou ao mesmo tempo homem da cidade e homem do mato”.

“Os encontros no quintal da casa são tradicionais para nós. Sem exagero, o pátio da minha casa em Ougadougou, é minha alma”. Nas nossas casas o pátio é geralmente interno a vários recintos, ficando ao centro das habitações, o que demonstra sua importância. Os encontros com parentes e amigos no pátio nos permitem reviver e reatualizar o passado, como quando alguém me perguntou como fazíamos para nos conservar, para não envelhecer. “Respondi: simplesmente, cada dia faço dois flashbacks à minha juventude, o que permite continuar os meus momentos de infância estes reencontros com velhos irmãos e amigos me trazem de volta a minha infância, a minha ingenuidade. Por que rimos como verdadeiras crianças e nós gritamos tudo o que não podemos fazer nos outros lugares”. Então sinto-me muito a vontade nesse local da casa. Me lembra nossos pátios.

Posso fazer uma pergunta, em outra direção, tenho uma curiosidade, exclama-se o professor Franck Ribard, por que chama o professor Bernat de 'meu filho'?

Sotigui explica que Bernat tornou-se seu filho pelo chamado espiritual que envolveu o encontro deles, as atitudes humanas que demonstrava, sua capacidade de escuta, observação, desejo manifesto de aprender, o respeito que manifestava diante do desconhecido. Foi-se criando um forte laço de amizade e pelas vivências significativas que compartilharam, tanto no Brasil, quando Sotigui vinha ministrar cursos e oficinas sobre a arte da contação no teatro, como também em Burkina Fasso, quando Bernat foi visita-lo e conhecer seu contexto de vida. Sotigui, via Bernat como o articulador fundamental de sua vinda ao Brasil, que lhe abriu portas para se comunicar com membros da diáspora brasileira presente no Rio. Encontrar-se com os descendentes do outro lado do Atlântico era muito significativo. Energias muito especiais fluíram, mensagens não verbalizadas foram passadas em sonhos e intuições, e ambos foram fortemente afetados por esses encontros que se repetiram ao longo de vários anos.

- Em África, interferiu a sábia Sobonfu Somé, esse fenômeno é comum, não tratamos o conceito família, de modo restrito à família biológica, e muito menos à família nuclear, assim

muitos achegados são considerados família. E quando falamos em ancestrais, nos referimos desde à natureza (uma árvore, um rio, por exemplo) at' é nossos antepassados, conhecidos ou não, sendo que a maioria nós não conhecemos mesmos, mas isso não impede recordá-los e homenageá-los pois consideramos que continuam entre nós, sob diversas formas, nos guiando e nos amparando. Sem eles não existimos.

Com certeza sábia Sobonfu, responde Sotigui, - “para nós, os sábios são pessoas mais velhas, que chamamos também de pais ou mães por que elas nos adotam. Somos filhos para eles, então são esses sábios que chamamos dos meus pais. Pude herdar, como dizemos na nossa linguagem o que pude roubar atrás deles”, pois aprendi muita coisa com eles, sobretudo relacionado às curas corporais e espirituais.

- Na aldeia Dagara, completa Sobonfu, as pessoas mais velhas são tão importantes que são eleitas cinco mulheres e cinco homens para formarem o conselho de anciãos, que tem enorme responsabilidade de aconselhamento e tomada de decisões coletivas acerca da vida comunitária. São eles inclusive, que resolvem conflitos, não temos polícia, tudo se resolve no coletivo guiado pelo conselho. Cada mulher e homem desse conselho de anciãos representa respectivamente um dos nossos elementos que para nós são terra, água, fogo, mineral e natureza. Nós também não separamos as coisas mundanas dos fenômenos de cura e espiritualidade, está tudo relacionado.

- Quer dizer que essas pessoas mais velhas são necessariamente guias espirituais? Pergunta a doutoranda Kellynia Farias.

- Sim Kellynia, responde Sobonfu Somé, são pessoas que entendem das relações cósmicas que nos envolvem, não é griot Sotigui?

- Com certeza sábia Sobonfu, as pessoas idosas reconhecidas como sábias nos brindam além da experiência de vida, sua força espiritual, não há como separar essas dimensões, conclui Sotigui. Voltando à pergunta do Professor Franck sobre minha relação com Bernat, houve um fato muito mais forte do que tudo isso que me levou a declara-lo meu filho. Lembra-se do solidéu que você me deu, Bernat? Foi durante as oficinas no Rio de Janeiro, quando espontaneamente, vários cursistas me deram presentes, mas você me deu algo muito profundo para mim que muito me tocou, o kipar do seu pai já falecido. Lembra?

- Lembro sim, responde Bernat, emocionado, “a partir desse gesto Sotigui passou a me chamar ‘meu filho Isaac’, e eu a ele, de ‘meu pai’. Na ocasião em que fui pela primeira vez à sua casa em Paris, ele fez questão de mostrar o kipar em destaque numa vitrine ao lado de outros objetos de valor afetivo. Porém, na segunda vez que fui a Paris, em novembro de 2007, o kipar passara para a mesa de cabeceira do seu quarto. Mais uma vez ele fez questão de me mostrar. Ao lhe dar o kipar quis lhe oferecer algo que tivesse para mim um valor espiritual. A partir daí se estabeleceu entre nós uma relação familiar ” (Bernat, 2013, p. 33-34). Sem saber ao certo toda a profundidade da minha dádiva, mas já intuindo, realizei um gesto simbólico muito significativo, ancestral mesmo.

Bernat prosseguiu, narrando a sua enorme emoção por ter-se tornado filho de Sotigui, da honra que sentia e de como isso o revestia de uma enorme responsabilidade. Interessante que mesmo ele sendo descendente da diáspora judia, ele passou a sentir laços de pertencimento também à africanidade, reforçando assim que os vínculos que nos unem ao continente africano não são necessariamente consanguíneos, embora a filiação biológica seja de importância inegável na história familiar e clânica. Assim, ele, mesmo de pele branca e linhagem judia, não deixava de sentir-se envolvido pelo laço gerado nesses encontros que a Espiritualidade propiciou, revelando outro conceito filial.

- Hoje, intento sair da posição brancocentrada naturalizada no Brasil, continua Bernat, que tende a outorgar privilégios às pessoas brancas em detrimento da visibilidade e representatividade da população negra que contraditoriamente é majoritária. Procuro contribuir com o combate à desigualdade racial, incorporando os ensinamentos ancestrais que aprendi com Sotigui nas aulas da universidade e em projetos teatrais com pessoas negras e sobre personagens negros. Inclusive, nesse momento, estou dirigindo peça cuja protagonista é negra, pois trata da grande escritora negra brasileira, Carolina de Jesus. Dialogo com pessoas membros do movimento negro na tentativa de compreender e traduzir os sentimentos e conhecimentos desse outro lugar social e de fala que é o da pessoa negra de cor, lugar esse ainda muito desvalorizado no Brasil.

- Fico muito orgulhoso do meu filho brasileiro pelo que está se apropriando dos nossos encontros, responde Sotigui. Esse é o verdadeiro sentido da palavra do griot, o de espalhar conhecimento profundo, posturas e atitudes espirituais

condizentes com nossos valores ancestrais atualizados na realidade de hoje que no caso, envolve a participação diáspora negra mas também os não negros.

-Nós griots, griottes ou mensageiras como eu, exclama Sobonfu, temos no nosso propósito de vida a comunicação e transmissão dos ensinamentos ancestrais que nos guiam, são éticas e filosofias que atravessam milhares de anos, e que por incrível que pareça, continuam válidos para nós hoje, nessa vida tão atribulada e modernizada que move o Ocidente. O Ocidente tende a mostrar uma relação mais material com seu passado do que propriamente espiritual, às vezes no dia a dia as éticas e experiências ancestrais são desdenhadas ou tratadas como arcaicas, distantes da sua valorização espiritual, de conexão.

Nós, como africanas e africanos de tradição da Costa Oeste, temos muito a comunicar e construir com os nossos descendentes nas Américas, mas não somente com eles, com todos os povos ali presentes. Nossas experiências e filosofias têm relevância para Americanos e Europeus também, povos de diversos pertencimentos etnicorraciais. Eu aprendi isso ao conviver com os Americanos nas grandes cidades. Estava totalmente distante, em todos os sentidos, da minha aldeia Dagara, isso gerava um estranhamento mútuo na minha relação com os Americanos. Mas o contato com o outro Americano, me ajudou a entender o que antes me parecia apenas natural, descobri que o que era natural para mim, não o era nessa sociedade moderna ocidental. E fui ensinando e aprendendo junto. Foi de enorme alimento.

Nesse momento me manifesto lembrando do filme “Keita, a herança do griot” dirigido pelo seu filho Dani Kouyaté: - Sotigui, naquele filme em que o senhor fez o papel do griot de uma família burkinabé de classe média que se quer moderna, fica bem evidente esse choque cultural, entre os valores do griot e os da modernidade ocidental naquele diálogo seu com o professor da escola do filho da família, quando o griot pergunta qual seu nome? O professor responde Drissa Fonana. O griot prossegue perguntando, qual o significado do seu nome e o professor responde que não faz ideia. O griot se exclama preocupado: como pode querer ensinar alguma coisa se não sabe nada a respeito da origem do seu próprio nome?! Por esse exemplo percebe-se o distanciamento entre a escola moderna e a tradição oral africana que tanto valoriza conhecer sua origem e história.

- Me desculpe me meter, intervem Bernat, mas me parece que é

porque, “o griot é também um buscador, um viajante que está sempre à disposição de novos encontros com outras tradições que alimentem o seu “saco de palavras”, pois é através delas que sua ação no mundo dos homens é exercida”. (Bernat; 2013, pág.:111). O que percebo é que “o estrangeiro é valorizado e respeitado, pois o raciocínio é que entre tantas portas para entrar ele escolheu a minha. O estrangeiro é considerado uma importante fonte de conhecimentos que desperta muito interesse. (Bernat, 2013: p. 147).

Isso acontece porque o encontro está no centro da civilização africana...retoma Sotigui. “Cada povo tem sua civilização... e todo mundo é selvagem”, no sentido de se fundamentar no que conhece, e ignorar o que é do outro. Assim, “somos selvagens ‘daquilo que não conhecemos’”. Mas a forma de ser selvagem, pode ser diferente. Podemos aceitar a troca ou não, nos abrir ao outro ou não. Nós griots, enquanto autoridades espirituais, procuramos manter nossa abertura ao outro, que é para nós uma fonte de aprendizagem.

“Mas a colonização fez muito mal aos griots”, não os valorizava. Quando os colonizadores vieram “disseram que encontraram gente boa trabalhadora mas que encontraram [também] outros preguiçosos [os griots]” que viviam às custas dos primeiros, “porque só ficavam falando e os outros lhes davam dinheiro. Eles ignoravam que a palavra era o trabalho do griot mas que a palavra não é materializada e por isso não é vendida. Portanto era uma ignorância por parte deles e portanto eles eram selvagens”, só que de uma forma muito fechada e arrogante”.

Outro exemplo do tempo em que o Níger era colônia da França, foi quando o governador-geral francês pediu para ver as autoridades locais. Boubou Hama, como autoridade, grande intelectual e futuro presidente da primeira Assembleia do Níger, foi se apresentar a ele. “Ao chegar ao recinto, Boubou Hama tirou os sapatos e depois entrou para cumprimentá-lo. O governador-geral ficou furioso! Ele não entendeu um dos nossos maiores gestos de respeito. Até hoje, você pode se permitir entrar de boné na casa de um idoso, mas, nunca de sapatos, na casa de quem respeita. Nós achamos que, não é limpo, por que pisamos nas coisas... Assim, eu nunca entro calçado na casa da minha mãe. Ou seja, cada um tem a sua civilização”.

Então o encontro, que está na centralidade da nossa civilização africana, é um valor fundamental para nossa vida. Tão

importante, que nós não possuímos até hoje a palavra teatro na nossa língua malinca, e sim gnôgôlon, ou seja, “nos conhecermos”. Para nós a ideia de ir ao teatro está associada ao encontro que propicia ampliação de ensinamentos e fortalecimento do pertencimento. Pois está implícito que para se conhecer é preciso trocar no coletivo, interagir.

- Pergunta a doutoranda Adilbênia: podemos dizer que existe uma ética do encontro, inclusive com relação à hospitalidade com as pessoas forasteiras, estrangeiras?

- Sim, sem dúvida, reforça o griot. O estrangeiro para nós é sagrado. Não é mais como há 500 anos, mas “as regras são sagradas. Um estrangeiro que chega à noite encontrará obrigatoriamente um lugar para dormir e o que comer... para não dormir de barriga vazia. Nós alojamos um estrangeiro gratuitamente por três dias e o alimentamos também gratuitamente. Mas ele tem um pequeno dever. Durante três noites, ele fica junto à família, para falar de suas experiências, de onde ele vem, o que ele viu no caminho, como é o país dele. Depois de três dias, não há mais obrigações. Há nisso uma dupla vantagem. Por um lado, nos informamos, nos enriquecemos, por outro lado, as pessoas viajam com poucos recursos. Não se pode dizer que um povo assim não seja civilizado”.

- Realmente, reforça Bernat, “no que se refere a essa civilização africana da qual fala Sotigui, o que pude comprovar na minha viagem é que ela possui um imenso sentido comunitário e hospitaleiro. Apesar das dificuldades econômicas, pude vivenciar este acolhimento e o verdadeiro interesse das pessoas pela minha história pessoal e também em saber mais sobre o Brasil, (Bernat, 2013: p. 147)

Outro ponto importante, prossegue Sotigui, é a íntima relação entre auto conhecimento e a necessidade de conhecimento do outro. “Costumamos dizer, que a coisa mais difícil de se conhecer, é o conhecimento de si próprio. Pensamos nos conhecer, mas nos conhecemos muito pouco. Podemos nos revelar a nós mesmos todos os dias. Por isso dizem, no meu país, que quando você vê a pessoa, nessa pessoa, há as pessoas da pessoa. E nós encontramos essas outras pessoas que nos enriquecem, que nos revelam à nós mesmos, no encontro com o outro. E dizemos, se você vê o outro, não tenha medo de olhá-lo olho no olho. Então você compreenderá que o que os aproxima é muito maior do que o que os separa. Toda exclusão, toda

rejeição, é o desconhecimento do outro”.

- Daí a importância de passar esses valores na comunidade, pois não basta estar junto para virar comunidade, é preciso alimentar o espírito, ou seja, vivenciar os ensinamentos fortalecedores do senso comunitário, afirma Sobonfu.

Por isso, ”a voz do griot, como é chamado meu trabalho na França, começa pela filosofia. As filosofias africanas são as palavras antigas. Eu falo dos nossos símbolos, de nossa filosofia, das antigas palavras passadas pelas pessoas mais velhas”.

- Que interessante, exclama-se entusiasmado Trindade Nanque, aluno Bissau guinense da Unilab, essa é exatamente a forma como chamamos as histórias que nos são contadas a título de ensinamento, palavras passadas! Temos a mesma tradição no meu país.

- Sim, a Costa Oeste tem muita coisa em comum! Prossegue Sotigui: Das histórias comuns “pouco a pouco passo para certos contos iniciáticos. E depois, para mostrar que o griot não está só preso na sua gaiola, abordo outros contos universais da Índia. E depois, tomo como exemplo textos franceses. Dessa forma, mostro que valores ancestrais circulam entre as civilizações nas contações antigas”, sendo que nós africanos continuamos valorizando esses ensinamentos.

Ao longo das contações, um dos elementos mais importantes é garantir a escuta para apropriação do valor espiritual das mensagens ali expressas. Mas, o que é a escuta? Para não fazer um discurso, a escuta é simplesmente buscar conhecer o outro. Para nós griots qualquer violência e qualquer ódio só pode ter origem numa ignorância e também no desconhecimento do outro. Infelizmente os seres humanos não têm mais os pés no chão. Existe uma perda de valor humano, falta liberdade até para se tocar. Ora a escuta é ficar sensível ao outro”. Nesse momento Sotigui faz um silêncio.

Após uma pausa, Bernat intervém: “A percepção da plateia é cultivada na África como algo imprescindível. Quando um contador que, que não precisa ser necessariamente um griot, narra um feito épico ou algum conto geralmente conhecido da comunidade, a participação de todos é estimulada. Há a figura do námúnamulá (respondedor em maninca), ou seja, aquele que diz: naamu, (é verdade, eu escuto). Assim o contador tem

sempre alguém cuidando para ver se a recepção está justa. A plateia também pode intervir cantando os refrãos, a participação de todos que ouvem a história é fundamental para que ela permaneça viva como um elo entre o passado e o presente” (Bernat; p. 2013, p: 78), isso influencia a maneira de fazer teatro.

Rafael Ferreira, outro doutorando, toma a palavra: - isso me lembra a característica da capoeira, notadamente a angoleira, que é a minha linhagem, pois noto que é recorrente o fenômeno de pergunta e resposta. A movimentação na capoeira é considerada pelo estudioso Mestre Pavão, uma conversa corporal, mais do que uma luta, ao menos como é praticada majoritariamente hoje. Também é a nossa forma de cantar, tanto no final da ladainha, onde sempre se introduz um chamado à roda para cantar junto como durante a roda toda. Sem contar toda a linguagem do berimbau, que conversa com os demais instrumentos e com a dupla que está jogando na roda.

Sem dúvida, responde Sotigui, me parece que essa manifestação corporal que é a capoeira e sua forma de cantar se inscreve nessa filosofia de interação.

No filme martiniquenho *Rue Cases Nègres*, Rua Casas Negras, que retrata uma comunidade negra pobre e nela, a realidade de um menino que vive com sua avó, na ilha caribenha de Martinica, há uma cena muito forte de um velho sábio da comunidade contando histórias para as crianças. E lá se tem o hábito do contador manter a atenção falando “Et cric!, ao que a roda responde, exclamando com entusiasmo “Et crac!” isso é repetido mais uma vez. De vez em quando, durante a narrativa, o contador retoma esse chamado e a roda já sabe o que responder, atendendo prontamente. E aqui também há isso. Soube pelo estudioso de cultura afro-brasileira Zéca Ligiéro, que aquele refrão que encontramos em várias músicas: Tião? - Foi, Foste? - Foi!, Me diz quanto foi? Foi 500 reais!, é na verdade um jeito de manter a atenção dentro de uma roda, uma espécie de despertador de atenção. E noto que isso é recorrente nas manifestações das comunidades negras afrodiáspóricas me geral.

- Mas, retoma Sotigui, sobre o valor da escuta, insisto que não se limita a considerar técnicas de comunicação. O problema é que “o mundo de hoje vai a uma tal velocidade, na corrida da competição técnica’, que o ser humano não tem mais os pés no chão. Estamos ligados demais à técnica. Mundialmente, em todos os discursos, fala-se em comunicação, encontros e trocas, até de dividir. No

entanto, um verdadeiro encontro não acontece a não ser pela escuta. Por isso escutar, não é ouvir com o ouvido mas é ser sensível ao outro... Não se pode dizer que o mundo de hoje esteja à escuta. Nós nos falamos mas não nos escutamos. É uma corrida de interesse. A escuta é questão de sensibilidade. Eu sou sensível ao outro, o outro é sensível a mim. Por isso é que nós dizemos que a viagem mais comprida é a da cabeça para o umbigo, pois não adianta saber racionalmente se não sente por dentro, se não vive os ensinamentos no seu íntimo.

Bom, acredito que já falei muito, quero ouvir mais vocês. Me falem do Brasil.

Bernat: Antes, permita-me agrade-lo por ter-me aceito como seu filho e amigo. Preciso dizer que com o griot Sotigui “mudei muito minha forma de ensinar. Aprendi a ver o aluno como meu mestre, a não trazer uma verdade absoluta para ele, aprendi ainda o respeito e a humildade. Nas oficinas com ele no Rio as pessoas expressaram falas como aprendemos a sermos o que somos, a respeitar o semelhante. Apontaram o valor da escuta, a necessidade de não ter pressa e de se permitir olhar para trás. O Sotigui nos ensinou um ditado: os dentes e a língua sempre viveram juntos mas se o dente morder a sua língua, você não vai jogar fora os dentes e nem cortar a língua, são ensinamentos de vida. Não é um erro ou uma dor causada por quem convive desde sempre com você que vai fazer você desprezar ou odiar essa pessoa, sem consideração à história comum. Aprendemos a sermos mais comunitários e respeitosos um para com o outro.

DESPERTANDO DO SONHO, INSPIRAÇÕES DO GRIOT SOTIGUI E CONSIDERAÇÕES PRETAGÓGICAS

Não lembro mais nada depois disso, não sei ao certo se a conversa no quintal terminou assim, só sei que acordei desse sonho, impressionada pela nitidez das cenas e falas. Para não perder a riqueza de detalhes, fui logo escrever e registrar tudo no computador. Esse sonho veio a calhar, estava precisando entregar um artigo sobre minha contribuição na última Mostra Internacional de Filmes Africanos coordenada pelo professor de História Franck Ribard, e assoberbada de tarefas estava já muito atrasada na feição do texto e ainda me perguntando de que forma iria tratar dos ensinamentos marcantes que estou trabalhando graças ao livro de Isaac Bernat sobre o griot Sotigui Kouyaté.

O livro da tese de doutorado dele sobre seus encontros com o griot, tem sido uma importante inspiração para minhas aulas sobre tradição oral africana, cosmovisão africana e Pretagogia. Descobri o livro de Bernat em final de 2014, quando estava finalizando a escrita do meu próprio livro autoral. “Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na formação de professoras e professores”. Estava eu sistematizando uns 15 anos de experiências diversas com as africanidades, procurando produzir uma conceituação na construção de um novo referencial teórico-metodológico afroreferenciado que tem se tornado um movimento que envolve todo um grupo de pessoas, entre professoras/es e alunas/os. Senti que poderia me influenciar bastante para tratar do subtema tradição oral africana, mas notei que esse livro era muito denso, que necessitava ser saboreado devagar. Então, fiz pouca referência a ele no meu livro mas já estava sob seu encantamento.

O livro de Bernat tem, entre seus tantos benefícios, o de nos permitir adentrar a vida de um griot concreto, a partir da convivência e conversas amigáveis de um brasileiro inicialmente não estudioso desses assuntos, com um griot que compartilha generosamente seus conhecimentos, embora reserve inevitavelmente alguns segredos insondáveis ao neófito. Assim, por uma “coincidência” (na verdade suspeito obra da espiritualidade) Bernat termina entrando em contato com um mundo com o qual não estava particularmente familiarizado. E talvez por isso, o livro é revelador de uma formação iniciática do autor, no sentido mais amplo do termo iniciação, pois não compreende necessariamente uma ritualística mística (apesar do surpreendente episódio místico de conseguir ficar em cima de um crocodilo sagrado na estadia em Burkina Fasso*). Trata-se sobretudo de um percurso de aprendizagem que envolve observação, atenção, muita escuta, vivência e convivência. Tudo perpassado de muita sensibilidade, tanto por parte do educador (aqui o griot Sotigui) como pelo educando, que aprende por imersão, conforme o valor atribuído à troca na tradição dessa região africana, gerando o movimento recorrente do dar e receber de que a conterrânea burkinabe Sobonfu Somé tanto fala nas suas conferências.

Através do livro, descobri também a existência do belo documentário “Sotigui Kouyaté, um griot no Brasil” do diretor Alexandre Handfest (2007) que nos retrata as impressões e ensinamentos resultantes do curso ministrado pelo griot Sotigui sobre “Escuta, comunicação e sensibilidade”. Fico impressionada

como a cada nova leitura do livro e atenção dada ao documentário, eu descobro novos tesouros, à medida que vou amadurecendo os ensinamentos encerrados neles. Particularmente o livro, me parece algo a ser degustado devagar, mediante várias leituras. Não é à toa que o griot encontrou no Isaac Bernat a espiritualidade que o fez intitulá-lo “meu filho”. Nesse gesto mútuo de reconhecimento que impulsionou Isaac Bernat a entregar –lhe algo de tamanho valor pessoal, afetivo e místico, como o kipar do pai falecido, encontra-se também a grandeza dos valores ancestrais africanos de profundidade cósmica, aqueles que podem nos encantar ao ponto de levar a fortes atos de generosidade e entrega. Esse encantamento é gerado pela força de exemplo que o griot Sotigui demonstra, simplesmente sendo o que ele é e acredita, praticando o que fala, como na expressão “dar sua palavra”, que significa atribuir consistência e manifestação concreta ao proferido, em total honestidade com o fazer, com a postura. Esse encantamento perpassa tanto as descrições de Bernat no livro, que expressam admiração pelo ser humano Sotigui Kouyaté como estão presentes nos depoimentos emocionados das pessoas entrevistadas no referido documentário, e que vivenciaram oficinas com o griot.

Três anos depois, já em 2017, mais uma obra da espiritualidade, sem termos conversado a respeito, fico sabendo pelo meu caro colega, o professor historiador Franck Ribard, a quem sou muito grata pelos reiterados convites nas Mostras, avisa que a Mostra Internacional de Filmes Africanos que ele coordena desde..2007.. vai homenagear Sotigui Kouyaté nesse ano e que trará o autor do livro Encontros com o griot Sotigui Kouyaté. Fico impressionada com mais essa coincidência, e muito feliz, pois a essa altura, já estou há vários semestres utilizando o livro dele na bibliografia básica do componente curricular Tradição Oral Africana na pós-graduação da FACED. Assim, já existe em Fortaleza um núcleo de pessoas dedicado a leitura desse livro e interessado nos seus aprofundamentos. Assim será uma boa surpresa para os professores Franck Ribard e o próprio Isaac Bernat. Ganho outro presente, agora a oportunidade de assistir vários filmes encenados com o griot Sotigui na sua condição de ator, e particularmente, para eu comentar no festival, o filme “Um griot moderno”, de...(SOTIGUI KOUYATÉ UN GRIOT MODERNE De HAROUN Mahamat Saleh 1997/58 min/Burkina Faso..).

Particpei ao máximo das minhas possibilidades das exposições da Mostra coordenada pelo Professor Franck de quem sou fã do festival. E tive a oportunidade de fazer contato e estreitar laços com Isaac Bernat, de modo muito frutífero e amigável.

O convite para escrever, me pareceu impossível declinar, embora tenha tido muitos problemas de execução devido ao meu tempo caótico. Mas de que tratar e como, diante da profundidade de ensinamentos que o griot nos inspira? Foi nesse momento que considerei a possibilidade de adotar um tom semificcional para o artigo, inventando uma verossímil mas no entanto fictícia conversa no quintal da minha casa. Para tanto inspirei-me na importância que o griot Sotigui atribui ao pátio da sua casa nativa que, segundo ele, não foi modificado em 60 anos, recebendo inúmeros encontros de amigos e parentes. Ora sabemos o valor que possui para nós afrodiaspóricos da América latina e Caribe, um terreiro, que não deixa de ser sinônimo de pátio ou quintal. Como expressa Muniz Sodré na sua pérola *O Terreiro e a Cidade* (1988), esse espaço é mais do que simples local externo. Ele expressa um modo de vida comunitário, uma ética comunitária em que se vive voltado para o outro, favorecendo a integração do diferente.

Ando muito me interessando por essas filosofias de vida comunitárias africanas, com suas múltiplos e diversificados tipos de práticas e preceitos. Encontro-me, nesse instante, por uma série de circunstâncias, mais voltada por enquanto à Costa Oeste Africana, com Sobonfu Somé (2011), Sotigui Kouyaté (através de Bernat 2013) e Hampaté Bâ (1982 e 2003), dentre outros. Procuo também apropriar-me da noção de *tabanka*, termo crioulo da Guiné Bissau, que expressa uma forma de conagraçamento comunitário ainda fortemente mantido no interior daquele país, onde são promovidos desde contações até festas envolvendo toques e danças tradicionais. Minha amizade com Trindade Nanque, um jovem tocador de *djembé* oriundo de uma família de ofício musical tradicional (dança, canto e tambor), desde cedo envolvido num processo iniciático de aprendizagem, me permite compreender melhor a relação espiritual e comunitária que perpassa esses ofícios tradicionais.

No “sonho” descrito acima, cito alguns dos aspectos que pude apreender da leitura do livro de Bernat e das falas do griot Sotigui Kouyaté nos dois documentários citados, que fiz dialogar com algumas ideias de Sobonfu Somé que muito convergem com as do griot. Agrupo aqui esses aspectos em dois subtemas, na verdade entrelaçados, a dimensão de ancestralidade e a de comunidade, ambos fortemente perpassados e integrados pela espiritualidade ou religiosidade tradicional africana. Em síntese, eis as categorias de análise encontradas

ANCESTRALIDADE

Ênfase na história de linhagem da gente de ofício tradicionais tais como griots/griottes, mensageiros/as (Sobonfu Somé), caçadores, ferreiros, realezas (também denominados régulos), artesãos de artefatos e símbolos sagrados, curandeiros, determinados mestres e mestras; nasce-se griot ou griotte e exige iniciação;

Valorização da raiz, dos lugares de origem do nascimento e /ou da criação “que deu o leite”, importando-se em voltar a visitar, não se distanciar para sempre. procurar sempre retornar para alimentar a memória;

Valorização do pertencimento ao continente africano (“antes de mais nada sou africano”);

Reconhecimento da amplitude da ancestralidade quando referente ao senso de família ou clã, que envolve desde seres da natureza, antepassados que nem sabemos quem são, ancestrais com os quais convivemos hoje e no passado, chegando a compreender uma grande multiplicidade de pessoas com algum grau de parentesco. Sobonfu Somé (2011) invoca também a multiplicidade de mães, pais (que de fato são tios/tias, avós/avós), filhos/as (biologicamente sobrinhas/os, irmãs/irmãos (de fato primas e primos), mas ainda, temos os achegados, as pessoas “adotadas” geralmente de modo não oficial, a qualquer idade, por instinto ou motivação espiritual, para além de qualquer consideração de cor ou proximidade física ou até mesmo de origem étnica, como aconteceu entre o judeu Bernat e o mandinga Sotigui;

Valorização do nome como representativo e propiciador de destinos, ou propósito de vida (pois ninguém nasce à toa e toda pessoa cumpre um propósito no qual interferem os ancestrais)

JÁ NA DIMENSÃO COMUNIDADE

Abertura ao outro, a troca, compartilhamento (integração do estrangeiro/ do diferente; ética de hospitalidade);

Valorização da educação intergeracional (aprender tanto com as crianças como com as pessoas mais velhas – “o que pude roubar atrás deles” pela interação e convivência atenta e respeitosa);

Manutenção de gestos de respeito para com o outro/a autoridade moral ou parental, como na tradição de tirar os sapatos ao adentrar casa alheia;

Compreensão da necessidade de auto conhecimento, processo esse que tem aspectos iniciáticos, por vezes dolorosos, mas sempre exigindo a interação com o outro, pois a diferença do outro permite conhecer-se a si próprio;

Importância da escuta, não de simples ouvido e sim de sensibilidade, atenção e cuidado, sabendo desenvolver o dom de entender as mensagens não reveladas do silêncio, assim o teatro é gnolôlon (objetiva nos conhecermos);

Imensa valorização dos encontros profundos, geradores de ensinamentos; ética do encontro;

Mecanismos de incentivo à comunicação e manutenção da atenção
Compreensão na contação da prevalência da mensagem/ensinamento sobre a performance, embora a necessidade de atrair e fazer a plateia se envolver exija talentos de comunicador/a.

De tudo isso extraio que, são múltiplos, em tempos de acirramento de sectarismos e ódios de toda espécie, os ensinamentos que devemos e podemos cultivar pela diversidade de modos de ser, estar e agir dos povos que compõem as nossas raízes africanas. No caso da Costa Oeste africana temos que todos esses elementos citados aqui merecem ser propiciados por dispositivos pretagógicos, como já me preocupo em realizar mediante formação de árvores de afrossaberes, ajudando mediante os marcadores das africanidades (2016) os aprendizados afro adquiridos ao longo da vida, combatendo assim o apagamento das nossas histórias de (con)vivências negras; contação interativa em quintal, vivências culinárias, musicalidade integrada com dramatização ou canto, formações ao ar livre, em contato com a natureza, como no evento Memórias de Baobá, círculos de cultura de produção de novos conceitos e práticas integradoras, como na Vivência Minha Música, Meu Pertencimento, em que oferecemos em dádiva à roda um fragmento da nossa vida através de uma música afro de escolha pessoal. Rodas intergeracionais, derrubando o forte discurso fragmentador que o Ocidente erigiu, separando em excesso, as diversas faixas etárias, que cada vez menos interagem, pois pouco se mesclam. Incentivar práticas como as de sair de casa ao levantar para cumprimentar todos os vizinhos da rua que moramos (Somé...). Dar e receber. Aceitar acolher o outro/ a outra que também sou eu, na sua singular diferença. Alimentar a ética africana de encontro, valor civilizatório do nosso continente mãe/irmão. .

Despeço-me do meu “sonho” circular que vira realidade a cada novo alaranjado amanhecer amoroso.

Gratidão Sotigui Kouyaté, sentimos a sua presença!

BIBLIOGRAFIA E FILMOGRAFIA

ALVES, Kellynia Farias e PETIT, Sandra Haydée: Pretagogia, pertencimento afro e os marcadores das africanidades: conexões entre corpos e árvores afroancestrais. In: Alves, Machado, Petit (orgs): Memórias de Baobá II. Fortaleza: Imprece, 2015.

BERNAT, Isaac: Encontros com o griot Sotigui Kouyaté, Rio de Janeiro: Pallas 2013.

PETIT, Sandra Haydée: Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na formação de professoras e professores. Fortaleza: Eduece, 2015.

SOMÉ, Sobonfu: O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. Tradução Deborah Weinberg. São Paulo: Odysseus Editora, 2003.a